

**A MULHER NEGRA NA POESIA BRASILEIRA:** discutindo os corpos femininos em poemas de Conceição Evaristo<sup>1</sup>

*THE BLACK WOMAN IN BRAZILIAN POETRY: discussing female bodies in poems by Conceição Evaristo*

Mariana Bezerra de Souza  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, PE, Brasil.  
E-mail: mariana.bsouza2@ufpe.br

## RESUMO

O presente trabalho se apresenta enquanto uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, que busca analisar, à luz de uma teoria decolonial, como as corporeidades da mulher negra são retratadas em poemas da escritora brasileira Conceição Evaristo. Desse modo, observa-se a forma como se constroem os corpos negros femininos em três poemas da referida autora, atentando para o seu caráter de ruptura à tradição literária brasileira. Assim, considerando os estereótipos historicamente tecidos em torno dos referidos corpos, destacam-se a figura da mãe-preta (Freyre, 2006; González, 2020) e o “mito da mulata” (Gonzalez, 2020), que reduzem a mulher negra à condição de objeto. Desse modo, ressalta-se a importância da literatura na restituição da humanidade dos indivíduos subalternizados, na medida em que esta é capaz de promover sua autoinscrição, além da sensibilização destes e de outros indivíduos sobre o tema. Logo, levando em conta essa importância, e com o objetivo de analisar as corporeidades do *sujeito-mulher-negra* na poesia, julgamos pertinente recortar nossos *corpora* de análise numa literatura de autoria negra e feminina, pautada nas escrituras. Em vista disso, selecionamos os poemas “Fêmea-Fênix”, “Eu-Mulher” e “Do fogo que em mim arde”, de Conceição Evaristo, os quais são identificados como decoloniais e apresentam a corporalidade da mulher negra com base em diferentes aspectos. Através de tais análises, identificaram-se rupturas com a tradição literária, promovidas pelo destaque dado a aspectos das culturas afro-brasileiras e ao *corpo-voz* de mulheres que foram historicamente objetificadas e silenciadas. Cabe salientar que, para tratar dos conceitos de colonialidade e decolonialidade, utilizamos Quijano (2005) e Mignolo (2019). Já com relação aos estereótipos construídos em torno dos corpos negros femininos, valemo-nos das ideias de Freyre (2006) e

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Letras - Português (Licenciatura), vinculado ao Departamento de Letras, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, com orientação da Profª. Dra. Raíra Costa Maia de Vasconcelos.

González (2020). Ainda, consultamos o trabalho de alguns estudiosos, dentre os quais destacamos Cixous (2022) e diversas obras teóricas da própria Conceição Evaristo acerca de seu conceito de “Escrevivência”, para tratar do papel que a literatura desempenha no referente à representação dos corpos da mulher negra.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; corpo; decolonialidade; literatura; mulher negra.

## ABSTRACT

This work presents a qualitative bibliographical study that seeks to analyze, in light of decolonial theory, how the corporealities of black women are portrayed in poems by Brazilian writer Conceição Evaristo. Thus, we observe how black female bodies are constructed in three of Evaristo's poems, noting their rupture with Brazilian literary tradition. Thus, considering the stereotypes historically woven around these bodies, the figure of the *black mother* (Freyre, 2006; González, 2020) and the "*myth of the mulatta*" (González, 2020) stand out, both of which reduce Black women to the status of objects. Thus, we emphasize the importance of literature in restoring the humanity of subalternized individuals, as it promotes their self-inscription, as well as raising awareness among them and others on the topic. Therefore, considering this importance, and with the aim of analyzing the corporealities of the black woman subject in poetry, we considered it pertinent to select our analytical corpora from literature by black and female authors, guided by their writings. Therefore, we selected the poems "*Fêmea-Fênix*", "*Eu-Mulher*", and "*Do fogo que em mim arde*", by Conceição Evaristo. These poems are identified as decolonial and present the corporeality of black women from various perspectives. Through these analyses, we identified ruptures with literary tradition, fostered by the emphasis given to aspects of afro-brazilian cultures and the *body-voice* of women who have been historically objectified and silenced. It is worth noting that, to address the concepts of coloniality and decoloniality, we used Quijano (2005) and Mignolo (2019). Regarding the stereotypes constructed around black female bodies, we draw on the ideas of Freyre (2006) and González (2020). We also consulted the work of several scholars, including Cixous (2022) and several theoretical works by Conceição Evaristo herself regarding her concept of "Escrevivência," to address the role that literature plays in the representation of black women's bodies.

**Keywords:** Conceição Evaristo; body; decoloniality; literature; black woman.

## 1. INTRODUÇÃO

Marcado por um longo passado colonial e por mais de três séculos de escravização de povos negros africanos, e também indígenas, o Brasil constitui-se enquanto um país cujo imaginário nacional molda-se em torno de uma visão branca, masculina e eurocentrada. Tal imaginário é sustentado pelo que Quijano (2005) chama de *colonialidade do poder*, ideia que, baseada no conceito moderno de raça, vale-se de ideais eurocêntricos e hierarquizantes para classificar socialmente a população mundial (Quijano, 2005, p. 117).

Com base nisso, tem-se a colonialidade como um padrão de poder sustentado por ideais racistas e de dominação, os quais ainda vigoram no Brasil. Isso posto, consideramos pertinente chamar atenção para a subjugação dos povos negros, que, assim como os indígenas, tiveram suas vozes por muito tempo silenciadas, culturas apagadas e corpos estereotipados. Assim, atentamos para o modo como isso repercute na literatura, com enfoque na representação dos corpos negros femininos na poesia.

Nesse contexto, ao atentarmos para a representação da mulher negra na literatura brasileira, notamos corpos frequentemente reduzidos a estereótipos perversos, que os objetificam e fetichizam, os quais podem ser notados a partir da construção de personagens pretas e pardas da literatura canônica, sendo algumas delas mencionadas neste trabalho. Por isso, reconhecemos a importância de destacar autores e obras que adotem uma abordagem *decolonial*, ou seja, que busquem desvincular-se dos padrões hegemônicos como forma de *reexistir* (Mignolo, 2019, p. 6).

Desse modo, é fundamental conhecer textos e discursos que falem a partir de uma perspectiva subalternizada, rompendo com os paradigmas eurocêntricos e androcêntricos hegemônicos e restituindo o lugar de humanidade do indivíduo subjogado. Para isso, tem-se a literatura como um instrumento eficaz e necessário, visto que ela, na medida em que transforma as emoções em estrutura organizada (Cândido, 1995, p. 177), permite que o indivíduo silenciado recoloca-se no mundo e possa ter suas subjetividades e demandas coletivas reconhecidas e acolhidas por outros sujeitos.

Ainda, segundo Cândido (1995, p. 180), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Dessa forma, faz-se fundamental que as produções literárias de autoria negra ganhem notoriedade para que mais indivíduos reconheçam a existência de

estilos e discursos que vão de encontro à hegemonia dominante. Esse conhecimento é o que permite ampliar a percepção acerca da sociedade, de si e do *outro*, garantindo, portanto, a construção de indivíduos mais autoconscientes e/ou mais humanizados.

Em vista do exposto, destacamos a produção poética de Conceição Evaristo, escritora brasileira negra, que, através de uma linguagem dotada de sensibilidade ímpar e recursos estilísticos os mais diversos, trata do corpo feminino por meio de um discurso *decolonial*, que contraria a tipificação historicamente imposta ao corpo negro. Assim, além de atuarem como objetos de fruição estética, os poemas de Evaristo são também uma forma de resistência à sujeição imposta aos negros no Brasil, sobretudo às mulheres pretas e pardas.

De acordo com Augel, “A literatura negra é uma literatura à procura da auto-identidade e do resgate, uma literatura comprometida, como um instrumento de transformação de uma realidade que nega o direito à especificidade, enquanto indivíduo e enquanto coletivo” (2017, p. 21). Tal concepção condiz com o conceito de “escrevivência”, criado por Conceição Evaristo, o qual, unindo os termos “escrever” e “viver”, fundamenta-se na escrita da mulher negra enquanto sujeito particular intrinsecamente ligado a uma coletividade. Com isso, a mulher que teve e tem seu *corpo-voz* silenciado encontra na escrita uma maneira de expressá-lo, fazendo ecoar uma voz que não é apenas sua, mas de todas.

Com objetivo de apresentar esse *corpo-voz*, o presente trabalho, que se trata de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, analisa, à luz da decolonialidade e da escrevivência, os poemas “Fêmea-Fênix”, “Eu-Mulher” e “Do fogo que em mim arde”, de Conceição Evaristo. Tais obras foram publicadas em seu livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) e apresentam um eu-lírico que, como ela, é mulher negra e busca afirmar a condição dessa mulher enquanto sujeito, autoconsciente e capaz de afirmar suas próprias corporeidades, dores, potencialidades e seus desejos.

É importante salientar que as análises aqui empreendidas resgatam o pensamento de Cixous (2022, p. 51)<sup>2</sup>, escritora que defende a escrita feminina como algo fundamental para que o corpo da mulher se faça ouvir. Além disso, apresentamos problematizações acerca do imaginário nacional tecido em torno dos corpos pretos e pardos ao longo da história, que se refletiu na literatura. Dessa forma, trataremos dos conceitos de “mãe-preta” e “mito da mulata” em Gilberto Freyre (2006) e González (2020), apontando como tais conceitos foram e

---

<sup>2</sup> Compreendemos que a filósofa francesa fala (ou escreve) de um lugar diferente do qual fala a escritora aqui contemplada, afinal, embora mulheres brancas também sejam vítimas históricas do machismo e misoginia, elas não vivenciam essa experiência da discriminação racial (González, 2020, p. 310). Entretanto, julgamos algumas considerações de Cixous (2022) pertinentes para as análises, na medida em que traçam paralelos entre escrita e sexualidade, bem como discutem formas misóginas de opressão e silenciamento, que, mesmo que em níveis diferentes, atingem todas as mulheres, independentemente de cor ou etnia.

são admitidos na sociedade brasileira a depender do lugar histórico e sociodiscursivo de onde partem.

Finalmente, por intermédio dos pontos acima apresentados e contando com as contribuições de outros estudiosos do campo da Sociologia e das Letras, é que pretendemos suscitar algumas reflexões sobre o que os poemas de Conceição Evaristo revelam acerca da representação da figura feminina negra no nosso país. Ainda, verificamos de que modo as escrevivências contribuem para a autorrepresentação dessa mulher na poesia e quais as mudanças de perspectiva que esse movimento de autoinscrição acarreta.

## 2. CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LITERATURA DE ESCRIVIVÊNCIAS

Nascida em Belo Horizonte, na comunidade do Pindura Saia, Conceição Evaristo é professora, romancista, contista e poeta. Mulher negra, de origem humilde, Evaristo nasceu rodeada não de livros, mas de palavras e, inspirada nos gestos carregados de ensinamentos de sua mãe, começou a traçar seus primeiros passos, os quais a trouxeram para o importante espaço de representatividade que hoje ocupa.

Com relação à sua arte literária, cabe destacar que o projeto estético da literatura realizada pela autora é diretamente influenciado pela oralidade. Segundo ela, em seu fazer artístico, ao trabalhar com a arte da palavra escrita, é necessário vinculá-la ao texto oral, pois só ele é capaz de traduzir a poética da voz e a poética do corpo (Evaristo, 2020a). Sendo assim, em seus textos, tanto em prosa quanto em verso, Evaristo se apropria dos signos gráficos e do valor da escrita sem nunca esquecer da força da oralidade de seus(as) ancestrais (Evaristo, 2020b, p. 30). Tal característica permite a realização de uma literatura acessível aos diversos grupos sociais, bem como fortalece seu *pacto escrevivencial*, isto é, a ligação estabelecida entre autor, narrador e leitor (Purificação, 2024, p. 21) a partir das escrevivências.

Em vista disso, as escrevivências permitem que a mulher negra *escreva-se* a partir de vivências atravessadas por sua conexão sócio-histórica e ancestral com outras mulheres, buscando “desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas [...]” (Evaristo, 2020b, p. 30). Essa busca faz parte do compromisso de Evaristo enquanto escritora, por isso, é importante que sua voz alcance um grande número de pessoas e que elas possam se sentir representadas e/ou sensibilizadas a partir do reconhecimento de uma identidade que durante tanto tempo não teve espaço na literatura.

Sendo assim, a referida autora vem sendo uma referência na representação da cultura e da força de mulheres como ela. Seu trabalho, bem como o de outras escritoras que apresentam as escrevivências como forma de se fazer ouvir, revela-se enquanto uma maneira de resistir ao *epistemicídio* das comunidades negras, sendo também uma forma de superá-lo.

Sobre o referido fenômeno, Carneiro (2023, p. 87) destaca que

[...] o epistemicídio se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica e racial pela negação da legitimidade do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros, que passam a ser ignorados como sujeitos do conhecimento.

Tal negação da condição de sujeito reforça o apagamento das culturas e identidades afrobrasileiras, que permanecem no lugar do desconhecido e/ou do proibido, colaborando para a manutenção “de um imaginário social que naturaliza a subalternização dos negros e a superioridade dos brancos” (Carneiro, 2023, p. 14).

Posto isso, deve-se reconhecer que, ao se posicionar enquanto produtora de conhecimento, Conceição Evaristo apresenta o indivíduo negro ocupando o espaço de humanidade que lhe foi negado. Esse conhecimento transparece em suas obras literárias, as quais retratam a figura do negro e, especialmente, da mulher negra como protagonista, retirando-a do lugar de objeto explorado e sexualizado em que sempre esteve e/ou problematizando a manutenção desse lugar.

Desse modo, o papel que a literatura desempenha na inscrição do indivíduo negro enquanto sujeito no mundo é afirmado pela própria Evaristo quando a escritora destaca seu processo de escrevivência. Para ela, a escrita se faz enquanto um lugar de autoafirmação de suas particularidades e especificidades enquanto *sujeito-mulher-negra*, sendo o ato de escrever, pois, capaz de proporcionar a *autoinscrição* do sujeito no interior do mundo (Evaristo, 2020b, p. 53). Essa autoinscrição é o que subverte os padrões hegemônicos eurocentrados e gera a identificação e o empoderamento de uma coletividade, devolvendo o lugar do *ser* àqueles que, desde o início de nossa história, foram tidos como *não ser*.

### **3. A MULHER NEGRA NA POESIA BRASILEIRA**

#### **3.1. Os estereótipos**

Para discorrer acerca da representação dos corpos femininos nos poemas “Fêmea-Fênix”, “Eu-Mulher” e “Do fogo que em mim arde”, de Conceição Evaristo, faz-se

necessário apresentar exemplos de como estereótipos constituídos em torno da mulher negra se fizeram presentes na literatura ao longo do tempo. Tais estereótipos, que reduziram o corpo das mulheres pretas e pardas a meros objetos de exploração laboral e sexual, destituindo delas sua humanidade, são combatidos na poesia de Evaristo, que utiliza uma abordagem decolonial em suas obras.

Segundo Mignolo (2019, p. 6), a decolonialidade configura-se enquanto um *conservadorismo desobediente*, a partir do qual o indivíduo busca “revincular-se com os legados que se quer preservar, a fim de engajar-se em modos de existência com os quais as pessoas querem se engajar”. Para o autor, é a partir desse processo que os indivíduos que tiveram suas histórias locais negadas, diminuídas e demonizadas pela modernidade ocidental passam a reexistir.

Portanto, consideramos a decolonialidade como um processo em que o indivíduo subalternizado conecta-se com suas próprias origens e, a partir da força dessa conexão, apresenta-as ao mundo, subvertendo os ideais hegemônicos. Dessa forma, admitimos que a poesia de Evaristo é decolonial, pois procura apresentar a mulher negra de modo subversivo, contrariando os estereótipos historicamente tecidos em torno dela e de seu corpo.

Os referidos estereótipos estão diretamente associados à figura da *mãe-preta* e ao *mito da mulata* e, tendo sido gerados e perpetuados pelo racismo e pelo sexismo, colocam a mulher negra no mais alto nível de opressão (González, 2020, p. 50). Com base nisso, faz-se pertinente discorrer acerca desses conceitos, destacando sua influência no imaginário nacional constituído em torno das mulheres negras, e a forma como são combatidos nos poemas de Conceição Evaristo.

A figura da mãe-preta diz respeito à escravizada que cuidava dos filhos dos senhores da casa-grande, “a negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe [...]” (Freyre, 2006, p. 435-436). Essa imagem se consolidou em torno da mulher negra no Brasil e se estende, pois, ao campo da literatura<sup>3</sup>, no qual aparecem apartadas de sua própria prole, sendo postas no lugar de quem “cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus” (Evaristo, 2005, p. 23).

Outra imagem associada a essas mulheres no Brasil é a que constitui o “mito da mulata”, o qual atribui à mulher negra e parda a qualidade de ser “mulher fácil” ou “boa de

---

<sup>3</sup> Um exemplo relevante dessa figura concentra-se em torno da Tia Nastácia, personagem do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Tia Nastácia é uma negra idosa e robusta, empregada doméstica que conta histórias para as crianças da casa, e chegou a ser descrita como “negra de estimação” no livro *Reinações de Narizinho* (1931).

cama” (González, 2020, p. 184). De acordo com Freyre (2006, p. 398), “diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família”. Tal “corrupção” parece ser materializada na figura da mulata, que é, até os dias atuais, constantemente objetificada e fetichizada.

Para González, a mulata assume o outro lado da mucama, o de objeto sexual, atribuição claramente identificada em escolas de samba, gafieiras, festas de largo, entre outros locais, os quais são tidos pela autora como “senzalas modernas, onde os ‘sinhozinhos’ brancos vão exercitar sua dominação sexual (e a indústria turística está aí mesmo pra reforçar e lucrar com essa prática)” (2020, p. 184). É disseminada, portanto, a figura da “mulata exportação” no imaginário nacional, onde o corpo da mulher negra é aquele que gera prazer, mesmo corpo “vendido” para os turistas nos desfiles de carnaval, filmes pornográficos e “cuja sensualidade é incluída na categoria do ‘erótico-exótico””(González, 2020, p. 61).

Os aspectos eróticos e exóticos da mulata estão relacionados à imagem que se tem da mulher “queimada da praia, de andar reboativo, de meneios no olhar, de requebros e faceirices” (González, 2020, p. 81), que ganha feérico destaque em meio às cores e plumas dos ritos carnavalescos. Tais características são as mais exaltadas quando se trata da presença de mulatas na literatura brasileira, por isso, elas nunca são tratadas como *musas* (González, 2020, p. 150 - 151), categoria destinada às mulheres brancas, de beleza considerada pura, angelical.

Exemplos da representação dos referidos estereótipos na literatura brasileira aparecem desde a poesia barroca de Gregório de Matos, até às de autores como Jorge de Lima, modernista, e Gilberto Freyre, como veremos adiante. Dessa forma, conforme afirma Duarte (2017), a doxa patriarcal, herdada dos tempos coloniais, “*Branca para casar, preta para trabalhar e mulata para fornicar*” perpassa, de modo mais ou menos evidente, a ficção e a poesia de muitos autores. Tal abordagem destitui, portanto, a humanidade dessas mulheres, que “passam a ter seus corpos vistos como animalizados: de certa forma, são os ‘burros de carga’ do sexo” (González, 2020, p. 135).

Isso posto, foi Gregório de Matos o primeiro brasileiro a oferecer versos à mulher afrodescendente, e, neles, a mulata sempre aparece como mulher lasciva, sendo hipersexualizada (Grillo, 2013). Exemplo disso é a figura de Anica<sup>4</sup>, que, ao ser vista lavando

---

<sup>4</sup> Personagem do poema “*Indo o poeta passear pela Ilha de Cajaiba, encontrou lavando roupa a mulata Annica e lhe fez este romance*” (1992), que faz parte do livro *Obra poética*, de Gregório de Matos. Além de Anica, a poesia de Gregório conta com outras mulheres pardas, inscritas nos mesmos estereótipos, como Teresa, em “*Outra pintura em sombras desta dama*” (1969) e Maricotta e sua filha, em “*Huma graciosa mulata filha de outra chamada Maricotta com quem o poeta se tinha divertido, e chamava ao filho do poeta seu marido*” (1992).

roupas, tem seus movimentos e partes de seu corpo, como barriga, quadris e pernas, erotizados pelo eu-lírico, que passa a se sentir em *estado de tentação*<sup>5</sup>.

Após Gregório de Matos, apresenta-se, na literatura brasileira, um vácuo com relação à representação da mulher negra (Grillo, 2013, p. 79), tendo em vista o destaque dado às musas de *cândida beleza* na poesia árcade, que também fizeram parte do Romantismo. Esse ideal de beleza feminina esteve, portanto, predominantemente atrelado à brancura, como a da célebre Marília de Dirceu, que “*Tem divino rosto, / E tem mãos de neve. / [...] / De fino cabelo louro*” (Gonzaga, 1862, p. 22) e das pálidas e gélidas musas de poetas românticos como Álvares de Azevedo<sup>6</sup>.

Entretanto, para além da escassez da figura feminina negra na poesia brasileira desses dois períodos, é necessário destacar que “o avatar erótico da ‘mulher de cor’ surge reencarnado em diversos momentos do romance brasileiro do século XIX” (Duarte, 2017, s.p.). Dessa forma, para exemplificar tal “reaparecimento”, faz-se pertinente citar nomes como Vidinha, de *Memórias de um sargento de Milícias* (1854), e Rita Baiana, de *O Cortiço* (1890), *mulatas faceiras*, associadas à ideia de mulher voluptuosa e corruptiva, que serviriam para a diversão, porém nunca para o matrimônio e/ou maternidade. Esse perfil associa-se ao passado colonial escravista, em que o corpo da mulher negra era tido como algo destinado a proporcionar prazer ao *macho senhor*, mas sem nunca estar atrelado à ideia de *mulher-mãe* e/ou geradora de uma descendência afro-brasileira (Evaristo, 2009, p. 23).

No século XX, a problemática em torno da estereotipização dos corpos femininos negros na literatura se mantém, tanto na prosa<sup>7</sup>, quanto na poesia. Sobre esta última, consideramos pertinente destacar dois poemas, a saber: “Essa Negra Fulô”, de Jorge de Lima (1974) e “Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados”, de Gilberto Freyre (1962). Assim, tem-se que o primeiro poema citado, embora faça parte do movimento modernista e se apresente enquanto forma de crítica, reforça a ilustração do corpo da mulher negra enquanto objeto sexual e corruptivo, capaz de destruir uma família.

Já o poema de Freyre, numa tentativa de exaltar a Bahia e sua mestiçagem, ancorado, inclusive, no mito da democracia racial, acaba sexualizando a imagem da mulata ao retratar a cidade “*sem rostos cor de fiambre/ nem corpos cor de peru frio/ Bahia de cores quentes,*

<sup>5</sup> Tal representação fica clara nos versos “Tanto deu, tanto bateu / co'a barriga, e co'as cadeiras, / que me deu a anca fendida / mil tentações de fodê-la.” e “O sabão, que pelas coxas / corria escuma desfeita, / dizia-lhe eu, que seriam / gotas, que Anica já dera.” (Matos, 1992).

<sup>6</sup> Os poemas “Pálida imagem” (1996) e “Sonhando” (1996), de Álvares de Azevedo constituem-se enquanto exemplos relevantes para apresentar as referidas figuras femininas.

<sup>7</sup> Como exemplo, podemos citar as protagonistas dos romances de Jorge Amado, como Gabriela, de *Gabriela, cravo e canela* (1958).

*carnes morenas, gostos picantes*” (Freyre, 1962), atrelando-a sempre ao pecado. Além disso, também reforça a função dessa mulher no trabalho de cuidado, não como mãe de seus filhos, mas como “*mulatas de gordo peito em bico como pra dar de mamar a todos os meninos do Brasil*” (Freyre, 1962).

Dessa forma, considerando os estereótipos discutidos, bem como as representações fortemente atreladas à perspectiva advinda da colonialidade, julgamos pertinente analisar os poemas “Fêmea-Fênix”, “Eu-Mulher” e “Do fogo que em mim arde”, de Conceição Evaristo. O primeiro contraria os referidos estereótipos através de um movimento de autoinscrição do *sujeito-mulher-negra*, cujo corpo é dotado de autonomia, potência e fecundidade. “Eu-Mulher”, por sua vez, apresenta o *corpo-mulher-negra* atrelado à função materna, que é redefinida a partir da perspectiva negra. Por fim, “Do fogo que em mim arde” traz um eu-lírico feminino que contesta o lugar objetificado e fetichizado em que a mulher negra foi inscrita ao longo da história.

### **3.2. O corpo feminino em Conceição Evaristo: uma ruptura analisada à luz da decolonialidade**

Antes de partirmos para as análises de nossos *corpora*, deve-se salientar que as obras selecionadas fazem parte do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo. O livro foi publicado pela primeira vez em 2008 e trata-se de uma antologia que conta com dezenas de poemas da autora. Tais poemas podem lidos como decoloniais na medida em que seu lirismo é atravessado por uma voz negra de resistência, que busca destacar o indivíduo negro e, sobretudo, a mulher negra, afirmando-os enquanto sujeitos, que sentem, sonham e lutam. Dessa forma, analisamos “Fêmea-Fênix”, “Eu-Mulher” e “Do fogo que em mim arde”, poemas que apresentam as corporeidades da mulher afrodescendente atreladas a seus próprios desejos, às suas vivências e ancestralidades.

#### **3.2.1. Fêmea-Fênix**

##### **Fêmea-Fênix**

Navego-me eu–mulher e não temo,  
sei da falsa maciez das águas  
e quando o receio  
me busca, não temo o medo,  
sei que posso me deslizar  
nas pedras e me sair ilesa,

com o corpo marcado pelo olor  
da lama.

Abraso-me eu-mulher e não temo,  
sei do inebriante calor da queima  
e, quando o temor  
me visita, não temo o receio,  
sei que posso me lançar ao fogo  
e da fogueira me sair inunda,  
com o corpo ameigado pelo odor  
da chama.

Deserto-me eu-mulher e não temo,  
sei do cativante vazio da miragem,  
e quando o pavor  
em mim aloja, não temo o medo,  
sei que posso me fundir ao só,  
e em solo ressurgir inteira  
com o corpo banhado pelo suor  
da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,  
na vital carícia de meu cio,  
na cálida coragem de meu corpo,  
no infindo laço da vida,  
que jaz em mim  
e renasce flor fecunda.  
Vivifico-me eu-mulher.  
Fêmea. Fênix. Eu fecundo. (Evaristo, 2008)

Em suas obras, Conceição Evaristo se utiliza de neologismos para expressar sentimentos e significados específicos, sendo a composição por justaposição um dos processos mais recorrentemente realizados pela autora. Segundo Artigas, Miyaki e Winck (2024, p. 264), através desses neologismos, Evaristo é capaz de expressar “a ancestralidade, a resistência e as memórias do povo negro”, conferindo novos sentidos a sentimentos já existentes. No caso do poema “Fêmea-Fênix”, analisado nesta seção, esses “sentimentos” representados e ressignificados pelo neologismo estão vinculados especificamente à mulher negra, destacando seu lugar de autonomia e também de resistência diante das opressões sofridas.

O título do poema em questão já é constituído por um neologismo, o qual une os vocábulos fêmea e fênix para criar a imagem de uma mulher que, assim como a figura mitológica, possui a capacidade de renascer depois da morte. Posto isso, observando cada palavra primitiva de modo individual, tem-se, primeiramente, a “fêmea”, a qual já indica que

trataremos da figura feminina não apenas em sua dimensão social, mas também biológica, orgânica; e, depois, a “fênix”, ave que, na mitologia, tem seu corpo incendiado e ressurge das próprias cinzas.

Ao unir essas duas palavras, pode-se afirmar que Fêmea-Fênix não significa simplesmente uma mulher com características de fênix, como se esta última atuasse como mero adjetivo. Fêmea-Fênix é um substantivo único, uma mulher que é *também* fênix, cujo corpo incendeia e se refaz, capacidades que se reafirmam continuamente ao longo do poema, o qual, em sua primeira estrofe, apresenta um *sujeito-mulher* capaz de enfrentar as adversidades da vida:

*“Navego-me eu–mulher e não temo,  
sei da falsa maciez das águas  
e quando o receio  
me busca, não temo o medo,  
sei que posso me deslizar  
nas pedras e me sair ilesa,  
com o corpo marcado pelo olor  
da lama.*

[...]” (Evaristo, 2008).

No primeiro verso, encontramos outra palavra composta por justaposição, forma escolhida pela autora para explicitar a *feminitude*<sup>8</sup> do eu-lírico: *eu-mulher*, em que o “eu” é empregado para marcar a subjetividade, no sentido de autoinscrição, presente no texto. Aqui, o eu-lírico feminino se coloca enquanto autora de sua própria história, há o sujeito-mulher que fala, e não alguém falando por ela. Esse sujeito se apresenta em um cenário metafórico, numa natureza cercada por águas, sobre as quais a mulher em questão navega, ou melhor, navega-se, pois, ao optar pelo uso do pronome oblíquo “me”, em “navego-me”, afirma não estar à deriva, mas que é dotada da autonomia necessária para enfrentar, por si mesma, a “falsa maciez das águas”, isto é, as situações adversas.

A partir do terceiro verso, a voz feminina destaca sua força e resistência na medida em que admite seu medo, não o teme e enfrenta-o, pois reconhece sua capacidade de sobreviver às adversidades. Aqui, o corpo já aparece como detentor das potencialidades dessa mulher, visto que é capaz de deslizar sobre as ásperas pedras, de onde sairá “marcado pelo olor da lama”. Assim, através de um jogo antitético e sinestésico, que cria imagens por meio da

---

<sup>8</sup> Neologismo proposto por Descaries (2000) para designar o lugar feminino como um espaço entre o biológico e o psicológico. O termo foi incorporado aos estudos da autora, que, através do Feminismo da Feminitude (*fémelleitê*), discorre sobre o feminino-materno, o qual, atrelando o corpo das mulheres à sua dimensão sexual e de procriação, tem em vista a reapropriação do território e do imaginário femininos por elas mesmas.

combinação de elementos opostos e da associação de diferentes órgãos dos sentidos, Conceição Evaristo traz à tona um corpo feminino que representa a capacidade de resistir a uma realidade que fere e subjuga física e moralmente. E, embora muitas vezes as marcas dessas violências não estejam visíveis nos corpos, estes ainda ficam marcados, o “olor da lama” citado pelo eu-lírico é justamente essa marca da opressão, impressa de modo simbólico, porém incisivo.

Na segunda estrofe, o cenário das águas é substituído pelo fogo. Agora, a mulher abrasa-se, incendeia a si mesma, deixando clara a autonomia que possui sobre seu próprio corpo, ainda que tenha noção dos perigos que isso pode envolver:

“ [...]

*Abraso-me eu-mulher e não temo,  
sei do inebriante calor da queima  
e, quando o temor  
me visita, não temo o receio,  
sei que posso me lançar ao fogo  
e da fogueira me sair inunda,  
com o corpo ameigado pelo odor  
da chama.*

[...]” (Evaristo, 2008).

Desta vez, a autora combina paradoxos e sinestésias para construir a significação desse fogo em que queima o eu-lírico. Desse modo, tem-se, no segundo verso, a “queima”, que a princípio poderia ser interpretada como algo ruim ou danoso, assumindo uma conotação atrelada ao campo do desejo -que pode ser sexual ou estar atrelado ao social-, já que seu calor é caracterizado como *inebriante*. Essa ideia reafirma o lugar da mulher destemida e desejante, a qual, mesmo sendo visitada pelo temor que envolve a tomada de suas próprias decisões, enfrenta esse medo e reitera sua capacidade de se lançar, desta vez, ao fogo, representante dos perigos, mas também da liberdade.

A referida combinação entre sinestesia e paradoxo é representada do sexto ao oitavo verso desta estrofe, pois estes associam noções ligadas ao tato e ao olfato e articulam-nas ao fogo e à água, elementos opostos que, no poema, mesclam-se para produzir sentidos. Sendo assim, tem-se a figura da mulher, que em vez de sair da fogueira queimada ou incinerada -que seria o esperado-, sai inunda de águas que representam um sentimento transbordante de abundância, fluidez e brandura. O desencadeamento desse sentimento ilustra o paradoxo mencionado, o qual é ratificado no sétimo e oitavo verso na medida em que o eu-lírico afirma

ter tido seu corpo “*ameigado pelo odor da chama*”. Assim, tem-se uma mulher dotada de autonomia e autoconhecimento, capaz de sentir seu corpo renovado, saciado e *ameigado* após a concretização de seus desejos, que são intensos como o fogo.

A terceira estrofe do poema trata de aspectos relacionados à *solidão da mulher negra*, consequência de seu passado colonial e do racismo e machismo estruturais da sociedade. Segundo Mizael, Barrozo e Hunziker (2021), essa condição envolve principalmente o campo afetivo-sexual<sup>9</sup>, visto que as mulheres pretas e pardas costumam ser preteridas por brancas, sendo ainda vistas como um mero instrumento servil, usado para exploração laboral e sexual (Mizael; Barrozo; Hunziker, 2021, p. 227).

Embora o campo afetivo-sexual seja o de maior destaque quando se trata da solidão da mulher negra, é pertinente destacar que esse fenômeno também atinge as que possuem companheiro e família. Sobre isso, González (2020), afirma que

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. [...] Enquanto mãe e companheira, continua aí, *sozinha*, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. *Mas seu espírito de quilombola não a deixa soçobrar* (González, 2020, p. 181, grifos nossos).

Pode-se relacionar tal pensamento de González às representações contidas na terceira estrofe de “Fêmea-Fênix” na medida em que o eu-lírico, posto nessa condição solitária, apresenta seu “*espírito de quilombola*”, fortalecendo-se por uma conexão com a terra e consigo mesmo:

“[...]”

*Deserto-me eu-mulher e não temo,  
sei do cativante vazio da miragem,  
e quando o pavor  
em mim aloja, não temo o medo,  
sei que posso me fundir ao só,  
e em solo ressurgir inteira  
com o corpo banhado pelo suor  
da faina.*

[...]” (Evaristo, 2008).

---

<sup>9</sup> Destacamos que esse fenômeno também se manifesta em outros âmbitos da vida social. Quando meninas e mulheres pretas e pardas se veem sendo as únicas de sua cor na escola ou empresa em que trabalham, por exemplo, ou quando não se sentem representadas pelas figuras presentes nas grandes mídias (Mizael; Barrozo; Hunziker, 2021, p. 217).

Mantendo o mesmo padrão das outras estrofes, Evaristo inicia este primeiro verso com um verbo em primeira pessoa seguido do pronome oblíquo “me”, sugerindo, portanto, a autonomia da mulher negra diante de seu destino. Assim, o eu-lírico, exposto a uma realidade que não lhe é favorável, é capaz de tomar a frente e tornar-se deserto, lugar árido e solitário, mas, ao mesmo tempo, onde crescem as plantas mais resistentes.

Apresentada a mulher novamente neste processo de autoinscrição, cria-se, no segundo verso, a representação do “*cativante vazio da miragem*”. Essa construção revela um momento de introspecção do eu-lírico, em que a *mulher-deserto*, atravessada por seus desejos e necessidades, afirma conhecer um cenário cativante, belo, oásico, como a água em meio ao deserto. Entretanto, o eu-lírico declara ter consciência de que essa beleza é, na verdade, um vazio, pois não passa de ilusão, de uma miragem, tendo em vista a dura realidade da mulher oprimida, que luta sozinha por paz e plenitude, as quais, muitas vezes, não se concretizam.

Os próximos dois versos reafirmam o lugar de coragem em que essa mulher se coloca apesar das adversidades e do temor que sente diante da realidade. Então, embora sinta medo e esteja sozinha, o temor e a solidão não são capazes de estagnar o eu-lírico, que, no verso seguinte, reconhece a própria capacidade de *fundir-se ao só*, isto é, de se conectar consigo mesmo em sua solidão para, assim, enfrentar problemas.

O verso seguinte evidencia tanto a independência quanto a firmeza da mulher, tendo em vista a ambiguidade da expressão “em solo”. Assim, na medida em que o eu-lírico afirma que pode “*em solo ressurgir inteira*”, ele faz referência tanto à sua capacidade de se recompor sozinho, de modo independente, quanto ao solo no sentido de *terra*, onde a mulher finca suas raízes e põe-se de pé para recomeçar, “*com o corpo banhado pelo suor / da faina*”. Esses três últimos versos retomam a corporeidade do eu-lírico, cujo corpo ressurgiu banhado por águas que são, na verdade, o suor do trabalho árduo e contínuo ao qual a mulher negra é submetida até os dias de hoje, consequência direta de nosso passado colonial e escravista.

Na quarta e última estrofe, a mulher, plenamente ressurgida após a queima, revitaliza-se, reforçando suas qualidades de sujeito persistente, desejante, corajoso e resiliente:

“ [...]

*Vivifico-me eu-mulher e teimo,  
na vital carícia de meu cio,  
na cálida coragem de meu corpo,  
no infindo laço da vida,  
que jaz em mim*

*e renasce flor fecunda.*  
*Vivifico-me eu-mulher.*  
*Fêmea. Fênix. Eu fecundo*” (Evaristo, 2008).

Aqui, apresenta-se o *sujeito-mulher* que *se vivifica*, isto é, que se torna ainda mais vivo, a partir de um processo que exige dele a persistência. Por isso, o eu-lírico afirma *teimar*, isto é, insistir na autoafirmação em defesa de seus desejos sexuais, representados pela *vital carícia do cio*, e anseios que podem ser também de ordem social, simbolizados pela *cálida coragem do corpo*.

Além disso, outro elemento que é objeto da referida *teima* e que, portanto, impulsiona a mulher negra em seus atos de perseverança e resistência, é o “*infindo laço da vida*”, que aparece no quarto verso dessa estrofe. A partir desse verso, pode-se perceber uma temporalidade vinculada à noção de *tempo espiralar*<sup>10</sup>, que contraria a linearidade temporal instituída pela filosofia e práticas ocidentais. Sendo assim, na medida em que o eu-lírico afirma que a vida se constitui em torno de um laço sem fim, trata dela enquanto um movimento cíclico, que não se encerra, mas renova-se, sendo tal renovação realizada em torno da mulher e de seu corpo fecundante.

Assim, da mesma forma que a vida “*que jaz em mim / e renasce flor fecunda*” representa a habilidade de autorregeneração da mulher negra, também chama atenção para sua capacidade reprodutiva e fertilizante. Tais habilidades são reiteradas na medida em que “*Fêmea*” e “*Fênix*” separam-se no último verso, chamando atenção para o significado dessas palavras de forma individual. A primeira está atrelada a um caráter primitivo, não no sentido animalístico<sup>11</sup>, mas gerador, ligado à dimensão biológica do feminino, que *floresce*, isto é, desenvolve-se, e *fecunda*, fertiliza o solo que será dessa mulher e de suas descendentes. A palavra “*Fênix*”, por sua vez, retoma a ideia já discutida de que a mulher negra é capaz de refazer-se mesmo após passar por tantas dificuldades.

O poema se encerra com a frase “*Eu fecundo*”, que, novamente, põe a mulher em um lugar de autonomia, contrariando diretamente a tradição falocêntrica, pois apresenta essa mulher como agente, ela é *fecundadora* e não *fecundada*. Além disso, encerrar a obra com tal

<sup>10</sup> Conceito desenvolvido por Martins (2021), em que a autora, também mulher negra, defende a existência de uma temporalidade que encena o presente, passado e futuro numa relação em espiral. Essas três dimensões relacionam-se, portanto, num movimento constante e progressivo, que é fortemente ligado à ancestralidade (Pinheiro, 2022).

<sup>11</sup> Machado (2014) afirma, com base em hooks (1995), que, desde o período da escravidão até os dias atuais, a visão ocidental associa o corpo da mulher negra a uma presença natural e orgânica, porém no sentido *animalístico* do conceito, destituindo, portanto, a humanidade dessa mulher.

afirmação, reforça a ideia de ciclo, reiterando que a vida e luta da mulher negra não se encerram nela mesma, mas se perpetuam no espiral, no *infindo laço da vida*.

Sendo assim, tem-se o poema “Fêmea-Fênix” enquanto uma obra que, atravessada pelas escrevivências, enuncia o lugar do sujeito-mulher-negra, afirmando suas potencialidades e contrariando a imagem limitada e distorcida à qual a tradição literária a reduziu. Além disso, destaca-se o caráter decolonial do referido poema, na medida em que Conceição Evaristo faz da escrita, ou escrevivência, “*a própria possibilidade* de mudança, o espaço do qual se pode lançar um pensamento subversivo, o movimento precursor de uma transformação das estruturas sociais e culturais” (Cixous, 2022, p. 49, grifo da autora). Essa subversão é, portanto, o que caracteriza o viés decolonial do poema, visto que Evaristo desobedece aos padrões impostos pela colonialidade e, revinculando-se à sua própria identidade e aos seus valores culturais, apresenta o *corpo-mulher-negra* sob uma nova perspectiva.

### 3.2.2. Eu-Mulher

#### **Eu-Mulher**

Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo. (Evaristo, 2008)

Em “Eu-Mulher”, deparamo-nos novamente com palavras formadas por justaposição. A partir dessas composições, produzem-se imagens as quais, associadas ao corpo-voz da mulher negra, admitem um caráter subversivo. Diante disso, verificamos que o título do

poema, “*Eu-Mulher*”, apresenta, tal como discutido na seção anterior, a mulher que se inscreve no mundo e a partir da condição de sujeito.

Assim, tendo mais uma vez um poema centrado na figura feminina, reconhecemos, na primeira estrofe, elementos que ilustram tal feminilidade:

“*Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca*

[...]” (Evaristo, 2008).

Nos quatro primeiros versos, os referidos elementos estão diretamente relacionados à capacidade fecundante da mulher, a qual se organiza em torno do *leite*, que *lhe escorre entre os seios*, e do *sangue*, que *lhe enfeita entre as pernas*, respectivamente atrelados à amamentação e menstruação. O poema, então, já assume um caráter disruptivo a partir daí, tendo em vista que tais fenômenos, estando diretamente associados à maternidade, vão de encontro à condição de infecundidade que fora conferida à mulher negra, apartando-a do papel de *mulher-mãe*.

Além disso, é necessário atentar para o fato de que a *gota de leite* admite uma dimensão espacial reduzida, porém de grande força expressiva, que flui lentamente pelo corpo desse eu-lírico e marca-o. O mesmo ocorre com o sangue, que, nesse primeiro momento, não é um rio ou mar, mas uma *mancha* que *enfeita*, ou seja, algo que, além de marcar, também embeleza. Dessa forma, tem-se que o leite e o sangue aparecem de forma tímida nessa primeira estrofe, mas servem para representar a força e o esforço incipiente, porém revolucionário, do corpo-mulher que se apresenta.

Esse esforço é ratificado nos dois versos seguintes, na medida em que “*meia palavra mordida*” escapa da boca do eu-lírico. Assim, tem-se um sujeito que sente a necessidade de falar, de posicionar-se, diante de um sistema que tenta calar seu corpo-voz, e que se manifesta, mesmo com os medos e as inseguranças que *lhe* fazem interromper as palavras. Essa fuga da palavra prova, portanto, que o eu-lírico possui motivos para resistir às imposições, o que é confirmado na estrofe seguinte:

“ [...]”

Vagos desejos insinuam esperanças.

Eu-mulher em rios vermelhos  
 inauguro a vida.  
 Em baixa voz  
 violento os tímpanos do mundo.  
 Antevejo.  
 Antecipo.  
 Antes-vivo

[...] (Evaristo, 2008)

Em “*vagos desejos insinuam esperança*” tem-se o motivo pelo qual o eu-lírico ainda resiste. O tímido desejo de mudanças, sustentado pela esperança que o move, é o que deixa escapar a voz desse eu lírico, emitida através de sussurros, que são representados pela aliteração do /s/ presente no verso. Essa voz, ainda que baixa, é capaz de perturbar a ordem estabelecida e, assim como a palavra escrita, atua como “um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança” (Evaristo, 2020c, p. 219).

Nos dois versos seguintes, torna-se ainda mais destacado o papel materno da mulher, o que, em se tratando de uma literatura negra, apresenta-se enquanto algo decolonial e, portanto, revolucionário. Essa revolução se afirma, pois esse corpo feminino passa a ser não mais atrelado à figura de *corpo-objeto*, mas toma forma a partir de um fenômeno que de fato representa seu estado de *ser* no mundo, valorizando as culturas negro-africanas, que sempre enaltecem a mulher a partir de sua função materna (Gonzalez, 2020, p. 183).

Além disso, a decolonialidade presente no poema torna-se ainda mais evidente diante da relação paradoxal estabelecida em “*Em baixa voz / violento os tímpanos do mundo*”. A partir dela, percebe-se que as vozes que escapam das mulheres negras, relegadas à margem, mesmo que murmurantes, são capazes de perturbar a ordem estabelecida, retirando-as da categoria do “erótico-exótico” (Gonzalez, 2020) e inscrevendo-as enquanto sujeitos donos de seu próprio discurso e identidade.

Do quinto ao sétimo verso, Evaristo estabelece um paralelismo, constituído em torno das palavras: “*antevejo / antecipo / antes-vivo*”, sendo esta última mais um neologismo formado pelo processo de composição por justaposição. O paralelismo entre tais vocábulos confere um ritmo à estrofe que, pela repetição do /t/, remete ao som de percussão, um som potente, o mesmo que é capaz de *violentar os tímpanos do mundo*. Além disso, a simetria existente entre as palavras também situa o eu-lírico numa temporalidade espiralar, na medida em que ele não se fixa no presente, mas ocupa diferentes espaços e tempos, tal como ocorre na última estrofe de “Fêmea-Fênix”, o que se confirma no próximo verso:

“[...]”

Antes – agora – o que há de vir.  
 Eu fêmea-matriz.  
 Eu força-motriz.  
 Eu-mulher  
 abrigo da semente  
 moto-contínuo  
 do mundo.” (Evaristo, 2008)

Ao optar pela construção “*Antes - agora - o que há de vir*”, Evaristo relaciona os tempos presente, passado e futuro, que se (con)fundem e envolvem o sujeito-mulher em sua própria existência, que é *ancestralidade, presença e fecundidade*. Ademais, como forma de reforçar tais aspectos relacionados ao tempo, o verso seguinte traz mais um neologismo: “*fêmea-matriz*”.

Desse modo, analisando separadamente cada uma das palavras formadoras desse neologismo, tem-se a fêmea, que, assim como em “Fêmea-Fênix”, representa a mulher em sua dimensão biológica, porém contrariando o caráter animalesco que lhe é atribuído no imaginário nacional, o qual, como afirma González (2020, p. 135), destitui a humanidade da mulher negra. O referido termo une-se, então, à palavra “matriz” de modo a reforçar o papel gerador da fêmea, inscrevendo a mulher negra como origem, aquela que “*inaugura a vida*”.

Essa ideia se repete nos versos seguintes, os quais trazem também ideia de movimento, eternidade e tempo espiralar. Com isso, ao ser definida como “*força-motriz*”, a mulher negra aparece como ser dotado de uma força tão grande e poderosa, que gera movimento, impulsionando aquilo ou aquele que está à sua volta ou, mais precisamente, sendo gerado dentro dela.

Nos versos que se seguem, o referido movimento é compreendido em sua eternidade, visto que a mulher, além de força-motriz, é também “*abrigo da semente / moto-contínuo / do mundo*”. Assim, ao utilizar o moto-contínuo, dispositivo gerador de energia infinita, que desafia as leis da física, Conceição Evaristo cria uma imagem complexa em torno da mulher, exaltando suas capacidades de transgredir as lógicas dominantes de temporalidade, maternidade e corporalidade.

### 3.2.3. Do fogo que em mim arde

#### **Do fogo que em mim arde**

Sim, eu trago o fogo,

o outro,  
 não aquele que te apraz.  
 Ele queima sim,  
 é chama voraz  
 que derrete o bivo de teu pincel  
 incendiando até às cinzas  
 O desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,  
 o outro,  
 aquele que me faz,  
 e que molda a dura pena  
 de minha escrita.  
 é este o fogo,  
 o meu, o que me arde  
 e cunha a minha face  
 na letra desenho  
 do auto-retrato meu. (Evaristo, 2008)

Em “Do fogo que em mim arde”, deparamo-nos, já a partir do título, com a imagem do fogo, que, assim como em “Fêmea-Fênix”, representa os anseios de um eu-lírico que se percebe enquanto sujeito desejante e que, nesse caso, reconhece a necessidade de falar sobre os desejos que o movem. Dessa forma, pode-se identificar a presença de uma corporeidade autônoma, que se confirma ao longo do texto:

*“Sim, eu trago o fogo,  
 o outro,  
 não aquele que te apraz.  
 Ele queima sim,  
 é chama voraz  
 que derrete o bivo de teu pincel  
 incendiando até às cinzas  
 O desejo-desenho que fazes de mim.*

[...]” (Evaristo, 2008).

O primeiro verso se inicia com uma interjeição, o “sim”, que indica um processo de interlocução. Tem-se, portanto, um eu-lírico que fala com alguém sobre o fogo que carrega, admitindo que esse fogo não se trata daquele que causa prazer ao interlocutor, pois é, na verdade, “o outro” fogo. Logo, chama-se atenção para o destaque dado ao termo “o outro”, que, além de aparecer isolado no segundo verso, conta com o artigo definido “o”, que não foi escolhido à toa, mas para destacar a dicotomia existente entre o eu-lírico e seu interlocutor.

De acordo com Pimenta *et al.* (2021, p. 255),

[...] ao analisar-se a literatura como um modo de representação dos sujeitos, deve se considerar “quem é o outro” e qual é “seu espaço” na coletividade, visto que o acesso à voz por grupos sociais subjugados é extremamente relevante para concretizar a verbalização de suas vivências e desejos.

Tendo isso em vista, considera-se o processo de escrevivência de Conceição Evaristo, de modo a atentar para o *pacto escrevivencial* que se estabelece entre a autora, o eu-lírico e a coletividade. A partir disso, reconhece-se o *locus* de enunciação da voz que se manifesta no poema. Trata-se de um *corpo-mulher-negra* que sente a necessidade de defender a existência de seu próprio fogo, de sua capacidade desejante, que é ignorada por seu interlocutor, o homem branco dominador, que a vê como *corpo-objeto*.

No quarto verso, o “sim” aparece novamente, desta vez como advérbio de afirmação, confirmando a urgência do *sujeito-mulher* em se posicionar sobre aquilo que sente. A partir disso, o eu-lírico cria um cenário que representa a voracidade de seu próprio fogo, tão forte ao ponto de incendiar, isto é, destruir, a imagem estereotipada que o homem branco construiu em torno da figura feminina em questão. Esse cenário retrata, portanto, a necessidade, comentada por Pimenta *et al.* (2021, p. 254), que a mulher negra possui de assumir a posição de protagonista não apenas do discurso, mas também *no* discurso. É dessa forma que ela pode, então, afirmar sua condição de sujeito humano, dotado de qualidades e vontades que lhe são próprias e combater as estereotipias impostas.

Isso posto, considera-se pertinente destacar as metáforas produzidas por Conceição Evaristo para indicar tal relação de estereotipia. Essas metáforas constituem-se em torno do universo da pintura, em que “*bivo de teu pincel*”, que remete ao formato do órgão genital masculino, faz referência, portanto, à cultura falocêntrica dominante. Esse pincel é o mesmo que pinta o *desejo-desenho*, mais um neologismo formado por justaposição, que ilustra a imagem da mulher negra moldada a partir de ideais racistas e misóginos, que a hipersexualiza.

Dessa maneira, tem-se que a primeira estrofe de “Do fogo que em mim arde” revela a potência e resistência da mulher negra, que arde ferozmente para combater os padrões falocêntricos hegemônicos, afirmando seu lugar de autonomia diante do próprio corpo. A partir disso, reconhecemos novamente a importância da escrevivência neste poema, visto que

[...] o eu que vocaliza e é ouvido faz, no tecido de sua fala, no que conta sua própria história, uma costura com as vozes inauditas de sujeitos ainda oprimidos pela violência racial e *ocupando lugares a partir dos quais não podem falar, são apenas falados pelo desejo do opressor* (Natália, 2020, p. 217, grifo nosso).

Na segunda estrofe, o eu-lírico mantém seu processo de *autoinscrição* e afirmação de sua corporeidade, contrariando as determinações impostas. Além disso, é também destacado o fundamental papel que a escrita exerce nesse processo:

“ [...]”

*Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
aquele que me faz,  
e que molda a dura pena  
de minha escrita.  
é este o fogo,  
o meu, o que me arde  
e cunha a minha face  
na letra desenho  
do auto-retrato meu.”* (Evaristo, 2008)

Observa-se que a primeira e segunda estrofes permanecem iguais até o segundo verso, diferenciando-se a partir do terceiro. Essa mudança coloca o terceiro verso da primeira estrofe, “*não aquele que te apraz*”, em contraste direto com o da segunda, “*aquele que me faz*”, evidenciando o posicionamento da mulher de que seu “fogo” não é o fogo inventado por seu interlocutor para o próprio prazer dele, mas um fogo que pertence a ela e que, portanto, a constitui.

Já no quarto e quinto versos, o eu-lírico admite que seu fogo é o responsável por moldar a *dura pena* de sua escrita, de modo que “*dura pena*” representa tanto o sofrimento causado pela sujeição, quanto a pena caligráfica, que é sinônimo de libertação. Essa libertação, associada ao poder da escrita, é confirmada por Evaristo (2020c) na medida em que a autora afirma que

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. *Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido* (2020c, p. 223, grifo nosso).

A autorrepresentação citada pela autora se constitui de maneira clara a partir do sexto verso, na medida em que o eu-lírico afirma que sua face é *cunhada* por seu próprio fogo, na *letra desenho* de seu *autorretrato*. Assim, verifica-se o contraste entre a *letra desenho* e o *desejo-desenho* da primeira estrofe, de modo que a primeira simboliza a mulher negra representada e inscrita no mundo a partir de sua própria escrita, de sua letra, de sua corporeidade, ao passo que o segundo representa uma imposição subalternizante.

Dessa forma, tem-se em “Do fogo que em mim arde”, uma decolonialidade veemente em torno da representação do corpo da mulher negra, que se posiciona em defesa da afirmação de seus próprios desejos, verdadeiros responsáveis pela constituição de sua corporalidade. Tal decolonialidade encontra na escrevivência um meio canalizador para representar os reais desejos, individualidades e interesses da mulher negra. Desse modo, considera-se pertinente o que afirma Cixous (2022, p. 53):

É escrevendo, a partir da e em direção à mulher, e enfrentando o desafio do discurso governado pelo falo, que a mulher afirmará a mulher num lugar diferente daquele reservado a ela no e pelo símbolo, ou seja, o lugar do silêncio. Que ela escape da armadilha do silêncio. Que ela não permita que a reduzam aos limites da margem ou do harém.

Dessa forma, tem-se, novamente, o destaque para a fundamental importância do ato da escrita para a libertação da mulher e das mulheres negras. Assim, faz-se pertinente destacar que as escrevivências utilizadas por Conceição Evaristo não têm seu poder de impacto restrito ao campo da literatura, mas atuam como um instrumento de libertação para as mulheres vítimas de um sistema que as oprime, silencia e nega sua humanidade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises e discussões aqui empreendidas, concluímos que a remanescência da *colonialidade do poder* no Brasil construiu um repertório nacional em que a mulher negra é muitas vezes destituída de sua condição de humanidade. Essa realidade se estende ao campo da literatura, que, por muitas vezes ao longo da história, apresentou a mulher negra com base em estereótipos perversos que foram tecidos em torno de seus corpos. Esses estereótipos associam-se, principalmente, à figura da mãe-preta e “ao mito da mulata”, que reduzem o *corpo-mulher-negra* a objeto de exploração laboral e/ou sexual. Tais representações ainda são presentes na sociedade hodierna, embora venham sendo combatidas, não só pelos movimentos sociais de militância, mas também pela literatura negra e afro-brasileira em ascensão.

Levando isso em conta, compreendemos a necessidade de lançar luz sobre o trabalho literário de escritoras negras que versam sobre suas corporeidades, partindo de uma *abordagem decolonial*. Entre os principais nomes da literatura afro-brasileira comprometidos com tal temática e que se alinham com a referida abordagem, tem-se autoras como Miriam Alves, Geni Guimarães, Elizandra Souza, Eliana Alves Cruz, Conceição Evaristo. Sendo assim, optamos por tratar da poesia desta última, que, valendo-se de recursos estilísticos, como a criação de neologismos e construção de figuras de linguagem, autoinscreve-se

enquanto *sujeito-mulher-negra*, e preocupa-se em afirmar a autonomia de seu corpo. Assim, tem-se que trabalhos como o de Conceição Evaristo são de grande importância para a construção do novo cenário em que vem se constituindo a literatura brasileira, na medida em que colaboram para a disseminação de conhecimentos acerca da cultura afro-brasileira, e também para o combate ao racismo e à misoginia.

Assim, diante da vasta produção poética da autora em questão, selecionamos os poemas “Fêmea-Fênix”, “Eu-Mulher” e “Do fogo que em mim arde” por considerar sua pertinência no que concerne à representação e autorrepresentação dos corpos femininos negros. Além disso, é fundamental apontar para o fato de que as referidas representações estão pautadas nas escrevivências da autora, o que a coloca, necessariamente, como representante de uma coletividade.

Dessa forma, indivíduos que, durante tanto tempo, tiveram seu corpo-voz silenciado pela colonialidade, podem se ver e se escrever através das escrevivências, reconhecendo a liberdade, força e potência de seus corpos. Tal processo é o que permite a restituição da humanidade daqueles que foram e são historicamente oprimidos e objetificados. Esse é um dos papéis fundamentais da literatura, que, mais do que uma forma de arte, objeto de fruição estética, é um “*direito inalienável*” (Cândido, 1995, p. 191).

## 5. REFERÊNCIAS

ARTIGAS, Mariana de Meira Polli; MIYAKI, Cristina Yukie; WINCK, Otto Leopoldo Winck. Palavra e escrevivência: a formação de neologismos como meio de representação da negritude feminina na poesia de Conceição Evaristo. **CLARABOIA**, Jacarezinho, n. 22, p. 250-272, jul./dez, 2024.

AUGEL, Moema Parente. **"E Agora Falamos Nós"**: Literatura Feminina Afro-Brasileira.

Literafro, [s.l.], 2017. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/component/search/?searchword=augel&searchphrase=all&Itemid=126>. Acesso em: 13 ago. 2025.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-191.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DESCARRIES, Francine. Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural. *In: Textos de história*. Vol. 8. n. 1. 2000.

- DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas**: literatura, gênero, etnicidade. Literafro, [s.l.], 2017. Disponível em:  
<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/149-eduardo-de-assis-duarte-mulheres-marcadas-literatura-genero-etnicidade>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- EVARISTO, Conceição. **Dez perguntas para Conceição Evaristo** - “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Itaú Social, São Paulo, 20. nov. 2020a. Entrevista concedida a Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. Disponível em:  
<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós** - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-47.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Editora do CCTA. 2020c. p. 219-241.
- LIMA, Jorge de. **Poesias Completas**, v.1. Rio de Janeiro/Brasília: J.Aguilar e INL, 1974, p. 121.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 51ª edição. São Paulo: Global Editora, 2022.
- FREYRE, Gilberto. **Talvez poesia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.
- GONZAGA, Tomás António. **Marília de Dirceu**. 1. ed., São Paulo: Ediouro. 1862.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GRILLO, Angela Teodoro. **De lasciva a musa**: a representação da mulher negra em versos de Gregório de Matos a Mário de Andrade. Scripta Uniandrade, Curitiba, PR, v. 11, n. 2. 2013., p. 76-96.
- MACHADO, Bárbara Araújo. **“Escre(vivência)”**: a trajetória de Conceição Evaristo. **Revista Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

- MATOS, Gregório de. *Obra Poética*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record. 1992.  
Disponível em: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=148022>.  
Acesso em: 15 ago. 2025.
- MIGNOLO, Walter D. A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir. **MASP Afterall**: [s.l.], 2019.
- MIZAEEL, Táhcia Medrado; BARROZO, Sarah Carolinne Vasconcelos; HUNZIKER, Maria Helena Leite. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. **Revista ABPN**, [s.l.], vol. 13, n. 38. 2021, p. 212-239.
- NATÁLIA, Lúvia. Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 206-225
- PIMENTA, Luciana; ARAÚJO, Luísa Cosentino de; RODRIGUES, Maria Luiza Simplicio; CÂMARA, Yanca Abreu. A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em Olhos d'água. **Letras de hoje**: Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 251-261, maio-ago. 2021
- PINHEIRO, Giovanna Soalheiro. **Composições e ritornelos**: performances do corpo no tempo espiralar. Literafro, Belo Horizonte, jun. 2022. Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/literafro/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1705&catid=13](http://www.lettras.ufmg.br/literafro/index.php?option=com_content&view=article&id=1705&catid=13). Acesso em: 24 jul. 2025.
- PURIFICAÇÃO. Caroline da Conceição Barbosa da. **Escritas de si, escritas de nós: a tensão entre autoficção e escrevivência na literatura contemporânea**. 2024. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2024.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SOUZA, Rita de Cássia Ribeiro. **A (re)construção do ethos feminino negro na poética de Conceição Evaristo**: uma análise dos poemas “Do fogo que em mim arde”, “Eu-mulher” e “Vozes mulheres”. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2023.
- SOUZA, Simone Maria de. A mulher como objeto do desejo na poesia de Camilo Pessanha e AZEVEDO, Álvares de. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, v. 5, n. 10, p. 55, 30 nov. 1983.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão, que me acompanharam durante todo o tempo nesta jornada, sendo minha maior rede de apoio e lugar de conforto e motivação.

À Professora Doutora Raíra Costa Maia de Vasconcelos, por ter aceitado orientar este trabalho, pela solicitude e atenção dedicadas a todo o processo e por ter me inspirado a aprofundar os estudos e as pesquisas sobre literatura negra e afro-brasileira.

Ao Professor Doutor Flaviano Maciel Vieira, por ter aceitado o convite para integrar a banca examinadora e por ter sido sempre tão presente e atencioso durante minha trajetória ao longo do curso.

Aos familiares e amigos de verdade, com quem pude compartilhar os momentos de dificuldade e as alegrias que encontrei durante este trajeto e que, portanto, ajudaram-me a chegar até aqui.